

VISÃO DO CORREIO

Saneamento falho ameaça o futuro

Divulgado, ontem, pelo Instituto Trata Brasil, o estudo *Demanda futura por água em 2050: desafios da eficiência e das mudanças climáticas* trouxe números alarmantes do saneamento básico no país. Segundo a pesquisa, extensos períodos de racionamentos de água podem virar uma realidade no país. A previsão é de que brasileiros e brasileiras enfrentem, em média, até 12 dias de interrupção total do abastecimento de água por ano até 2050 caso a oferta atual do serviço não se altere. Em regiões mais secas, como Nordeste e Centro-Oeste, o racionamento poderia chegar até mesmo a um mês.

O cálculo sintetiza um problema de dimensões complexas. De um lado, há as significativas perdas de água na distribuição por parte do sistema de abastecimento — estima-se que 40% da água tratada no país não chega às torneiras; de outro, uma projeção de aumento de 59,3% na demanda pelo serviço nas próximas duas décadas, diante do crescimento populacional e da expansão econômica, especialmente da indústria.

Nesse último recorte, pesam também as mudanças climáticas, que elevam as temperaturas e, consequentemente, o consumo — o estudo indica que, a cada 1°C adicional na temperatura, eleva-se o consumo per capita de água em 24,9%. Sem contar com a possibilidade clara de diminuição da chuva nas próximas décadas, uma peça-chave da equação.

Vale lembrar que o Marco Civil do Saneamento estabelece o ano de 2033 como meta para universalizar o acesso à água e ao esgoto tratado no país. No entanto, o maior desafio para alcançar o objetivo é

levar o serviço para os rincões interiores, onde a falta de investimentos em tecnologia, pessoal e planejamento se impõe.

Em nota, Luana Pretto, presidente executiva do Instituto Trata Brasil, alerta que o momento para reverter esse cenário é agora. “É fundamental agir agora para promover eficiência e preparar o país para enfrentar os desafios que as mudanças climáticas trarão nos próximos anos”. Os desdobramentos, continua, terão “impactos severos na saúde e na qualidade de vida das pessoas”. O ponto de partida, segundo ela, é melhorar a eficiência no sistema, reduzindo perdas e equilibrando ofertas e demandas.

Parte da solução passa pelos chamados consórcios intermunicipais. Em vez das prefeituras menores atuarem de maneira isolada, a formação de conglomerados fortalece os municípios na busca por investimentos. Essa união pode, inclusive, facilitar a concessão à iniciativa privada, apesar dessas empresas, historicamente, não prestarem um serviço necessariamente melhor do que as autoridades públicas. Há, ainda, outro desafio óbvio: como atrair investimentos também para as regiões mais vulneráveis?

No plano nacional, a administração de Lula corre contra o tempo para cumprir a meta prevista pelo Marco Civil do Saneamento – o que também será incumbência de quem assumir o Planalto a partir de 2027. No Congresso, a classe política até tentou ampliar o prazo traçado para 2033, mas a repercussão negativa fez o projeto caducar. O recado da sociedade é direto: não dá para falar em país desenvolvido sem saneamento básico para 100% dos brasileiros.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Violência

Quaisquer manifestações de violência são lamentáveis. Mas o que vem ocorrendo em capitais como Rio de Janeiro, São Paulo e até mesmo em Brasília, faz-nos pensar que a brutalidade vem curvando a humanidade. Na então Cidade Maravilhosa, os conflitos armados entre policiais e integrantes das organizações criminosas alcançaram grau máximo. Em São Paulo, o envenenamento por metanol, a matança de autoridades, entre outros crimes, também deixam-nos atordoados. No Distrito Federal, motoristas de aplicativos trabalham com medo, pois podem ser vítimas de um criminoso a qualquer momento. O feminicídio tornou-se corriqueiro na capital da República. Há, portanto, uma atmosfera pesada em torno do país, devido aos ambientes inseguros. É preciso encontrar soluções mais rapidamente para espantar o sentimento de medo que domina a maioria dos brasileiros.

» **Alberto de Andrade**
Sobradinho

Queremos paz

A reação de alguns parlamentares de oposição reforça a sensação de que o presidente Lula segue, a passos firmes, uma solução para recuperar uma relação amigável com os Estados Unidos. Se há, ou não, um legítimo sentimento de sinceridade entre os presidentes Donald Trump e Lula da Silva, é o que menos importa. Sejamos pragmáticos: o que importa é reduzir o tarifaço e recuar da sanção contra os ministros do Supremo Tribunal Federal (STF), pois eles não podem ser punidos pelos crimes cometidos pelos fraccassados personagens da política brasileira. Queremos ter um país normal, com paz e sem atritos transnacionais.

» **Paulo Dario da Silva**
Asa Norte

Ode ao fracasso

Os governos pós-modernos apregoam aos quatro ventos a prioridade e o cuidado deles para com os pobres e, simultaneamente, demonizam os ricos, acusando-os de serem os culpados. A atual governança vangloria-se do fato de 60 milhões de

brasileiros dependerem de auxílio governamental para viverem, e o plano de governo concentra-se em programas voltados à redução de desigualdades sociais. Tal orientação configura, em última instância, um culto e uma cultura do fracasso que acaba “glamourizando” o crime e comprometendo a segurança de todos. O resultado está demonstrado em Cuba, onde (quase) todos são iguais — na miséria. A concentração governamental no fracasso — incapaz de levar ao sucesso – apenas atesta limitações das lideranças que assim procedem. De fato, são cultivadoras de fracasso e de pobreza — dos outros —, tal como evidenciam os contracheques deles.

» **Rubi Rodrigues**
Octogonal

Tinido do cadeado

A vida é o bem maior que temos, acredito que, em seguida, vem a liberdade que temos para vivê-la. Quantos que tinham liberdade para rodar o mundo inteiro, apreciando as maravilhas que ele tem, mas que hoje estão trancafiados ou aguardam pelo momento de ouvir o tinido do cadeado de uma cela por terem ultrapassado os limites que a liberdade nos impõe. A liberdade exige respeito às leis. Respeitar as leis implica observar o que determina o ordenamento jurídico em todos os aspectos da vida. Todos nós, mulheres e homens, temos de estar sempre atentos para que não venhamos esquecer que temos direitos e obrigações. Bom seria que, em nossos lares, falássemos sempre para as nossas crianças sobre o trio liberdade, obrigação e direito. Com certeza, essa conversa contribuiria em muito para evitar o “eu posso tudo e não tenho satisfação a dar a ninguém”. Esse pensamento é perigoso e atrapalha a convivência em sociedade. Há pouco tempo, tivemos a oportunidade de ver pessoas que, por ocuparem cargos importantes, acreditavam que estavam acima das leis e se esqueceram do estabelecido no artigo 5º da Constituição: “Todos são iguais perante lei”. A lei não os poupou. Eles ultrapassaram os limites que a liberdade nos impõe e, brevemente, estarão ouvindo o tomido do cadeado.

» **Jeovah Ferreira**
Taquari

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Insegurança em Brasília: injusto afirmar que o governador Ibaneis não se preocupa com a segurança no DF. Afinal, ele propôs o projeto que lhe garante, após o mandato, o direito a quatro seguranças armados e um veículo oficial.

Abrahão F. do Nascimento — Águas Claras

As mulheres que levam ciência para suas comunidades estão reescrevendo futuros. A ciência que nasce da escuta e retorna como solução transforma realidades, devolvendo dignidade com inteligência onde antes havia dependência.

Paccelli M. Zahler — Sudoeste

Segurança inexistente. Tarifas do transporte por aplicativo cada vez maiores. Blitz somente de lei seca.Tempos difíceis.

Matheus Mesquita — Brasília

O jogador Vinícius Jr. tem que reclamar, sim. Foi o melhor do mundo e todo jogo o treinador tira ele jogando bem ou mal. Se não quiserem ele no time, o Liverpool, Manchester City, Bayer, Manchester United estão de braços abertos.

Luiz Carlos Pinheiro — Brasília

Até ETs são bem-vindos no Vaticano, mas não abençoam os casamentos da comunidade LGBTQIAPN+.

Bruna Santuário — Brasília

Hoje é dia de Libertadores! Flamengo em campo, emoção garantida!

José Ribamar Pinheiro Filho — Asa Norte



PALOMA OLIVETO
paloma.oliveto@cjbpress.com.br

Um mundo sem compromisso

Às vésperas da Conferência do Clima COP30, que começa em 10 de novembro em Belém (PA), um relatório da UNFCCC, a convenção-quadro da Organização das Nações Unidas que estabeleceu as bases das COPs, mostra que as emissões globais de gases de efeito estufa começam a cair. Se a tendência se mantiver, em 2035, a redução terá sido de 10%, comparado há seis anos.

Seria uma excelente notícia se divulgada lá pelo ano 2000. Mas é mais uma prova de como a questão climática não é levada suficientemente a sério por tomadores de decisões. Segundo o Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC) — órgão científico independente consultado pela ONU —, para viver em um planeta minimamente habitável, as emissões teriam de cair 60% até 2035. Ou seja, há pouquíssimo o que se comemorar.

Outro ponto destacado pelo Relatório Síntese da UNFCCC: nunca os países signatários do Acordo de Paris apresentaram um conjunto tão robusto de compromissos climáticos nacionais, as chamadas NDCs, metas estabelecidas internamente, de acordo com a realidade de cada nação. Por exemplo, 89% referem-se a todo o setor produtivo; 73% têm componentes de adaptação. Além disso, um terço fala em perdas e danos, importante mecanismo compensatório aos países que em quase nada contribuíram com as mudanças climáticas, mas que sofrem severamente seus efeitos, como os Estados-ilhas do Pacífico, que começam literalmente a desaparecer do mapa devido ao agravamento de fenômenos como terremotos e tufões, além do aumento perigoso do nível do mar.

Na avaliação de especialistas em política climática, o documento da ONU evidencia, sim, um nível maior de

compromisso, não só de governos, mas de empresas públicas e privadas. Como nota Bruno H. Toledo Hisamoto, analista de diplomacia climática do Instituto Climafno, “se os compromissos nacionais apresentados até agora saírem do papel, teremos a primeira redução substancial de emissões de carbono desde a Revolução Industrial.” O problema é o “se”.

Desde a assinatura histórica do Acordo de Paris, há uma década, muito tem se apresentado e pouco se tem feito. Mesmo esse pouco tem sido rotineiramente criticado pelos países que mais sofrem as consequências das mudanças climáticas e pelo secretário-geral da ONU, António Guterres, que sempre pede aos signatários “metas mais ambiciosas”. O documento divulgado ontem mostra o nível de ambição global... Somente 64 países, incluindo o Brasil, apresentaram suas metas entre janeiro de 2024 e setembro de 2025.

No mesmo dia do Relatório Síntese, um coletivo mundial de cientistas divulgou o Lancet Countdown sobre Saúde e Mudanças Climáticas. Entre outras informações trágicas, está a de que as mortes por calor aumentaram 23% desde a década de 1990, enquanto 2,5 milhões de óbitos animais são atribuíveis à poluição por queima de combustíveis fósseis. O potencial médio global de transmissão da dengue aumentou em até 49% desde a década de 1950.

O documento aposta no Brasil como líder regional da América-Latina para alavancar ações de mitigação e adaptação dentro da COP30. Mas assusta pensar que a “tábua de salvação” é justamente o país que, na semana passada, deu o primeiro passo para a exploração de petróleo na Foz do Rio Amazonas e, assim, jorrar mais combustível fóssil pelos ares.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*	
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM	
			R\$ 1.187,88	
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES	(promocional)
Assine				
(61) 3342.1000 – Opção 01 ou (61)99966.6772 Whatsapp				
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.				
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.				
Anuncie				
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp				
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp				
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp				

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2586 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A. Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A. Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo – CEP: 70610-901 – Brasília – DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 /1582/1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.udapress.com.br